



Rui Patrício*

A Guerra dos Tronos

Numa terra longínqua e brumosa – que em nada se parece com o que Portugal se deveria parecer –, os tronos estão em guerra. Há gritaria guerreira, sangue de soldados e de povo miúdo, fumo e terra queimada. Reis, chanceleres, generais e outras altas patentes aplicam – embora às vezes pifadamente – as lições de Sun Tzu, e estudam o clima, o caminho, a geografia, et cetera. Alguns nunca o leram, outros leram mas não perceberam e outros (poucos) leram e perceberam, talvez demasiado bem. Mas todos dispõem as tropas, agitam bandeiras, disparam, avançam e recuam. Visto de longe ou de perto, o espetáculo é tão triste quanto pícaro. No terreno – como em todas as guerras – ficam os corpos e os destroços. Alguns – como em todas as guerras – ficarão com os despojos, mas não haverá muito para repartir. Temo que – enquanto não vier o general inverno para pôr as coisas no seu lugar (matando de fome a soldadesca e o povo miúdo, e cobrindo de vergonha os senhores da guerra, como costuma acontecer desde tempos imemoriais) – prossigam as manobras. Uns declaram-se irrevogavelmente em guerra, para logo depois acenarem com um pano branco, na esperança de que, entretanto, o clima e a geografia se tornem mais propícios para o caminho que querem, afinal, trilhar. Outros vociferam contra as ofensas que receberam, mas aceitam com alívio, e talvez ingenuidade, os acenos do pano branco, porque sabem que a guerra corpo a corpo lhes poderia sair cara de mais. Outros fazem alianças que logo quebram, às claras ou às ocultas, dizendo o contrário do que fazem ou do que esperam fazer. Uns saltitam, como se fossem pardais em busca de migalhas. Outros, aves de maior rapina, vivem da guerra, como a mãe coragem de Brecht, mas com a vã esperança de que a guerra lhes não leve os filhos. Há também os que se escondem, os que medeiam, os que rezam, os que sorriem pelos cantos e os que salivam. E, finalmente, há os que julgam que mandam e que influenciam, mas que, afinal, apenas se preocupam em provar que ainda vivem, e põem achas na fogueira das vaidades, balas nas espingardas da ambição ou poeira nos olhos dos incautos. Pelo meio, sob o desfile do sol estival, que torra e alucina, vão ficando exangues, esfomeadas e cansadas – e, um dia, mortas – a soldadesca e a gente miúda. Como disse George Santayana, aqueles que não conseguem recordar o passado estão condenados a repeti-lo.  * advogado